

Resenha

LANGER, Johnni. *Na trilha dos Vikings: Estudos de religiosidade nórdica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 284p. ISBN: 978-85-237-0992-1.

Jéssica de Souza Lira*

A publicação do livro *NA TRILHA DOS VIKINGS: estudos de religiosidade nórdica* expande o pequeno leque de leituras disponíveis em língua portuguesa a respeito da história, cultura, e, sobretudo, religiosidade dos povos que habitaram a Escandinávia na Era Viking. O professor Dr. Johnni Langer elabora cuidadosamente um panorama com alguns dos aspectos fundamentais para compreensão do que hoje conhecemos como sendo as principais fontes que trazem representações descritivas do imaginário destes povos.

Trazendo conceitos e apresentando conteúdos das Eddas, sagas, estelas e outras fontes das quais obtemos as informações sobre os meios de vida do povo viking, o autor utiliza-se de um vasto acervo bibliográfico para explicitar ideias de diversos pesquisadores a respeito do tema e firmar seu ponto de vista no interior das discussões. Logo na introdução da obra esclarece que o termo *viking* é empregado para designar o povo que habitava a Escandinávia entre os séculos VIII e XI d.C. Essa será, portanto, a maneira que também empregaremos no presente trabalho.

Várias são as dimensões a serem percebidas quando se trata de pesquisar as formas de religiosidade nórdicas. A interpretação pode ser diferente de acordo com diversos fatores. As informações variam se levados em conta a região que está sendo retratada, a fonte utilizada (escrita, imagética e etc.), o período histórico (pré-cristão ou cristianizado) e até mesmo o autor embasador da pesquisa. É certo que houve formas de religiosidade entre o povo da Escandinávia pré-cristã, o que o autor está a questionar é se as fontes literárias utilizadas para expor essa religiosidade, são adequadas, ou ainda, se narram os fatos com verossimilhança.

* Mestranda vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. E-mail- jessicacz2007@hotmail.com

A obra traz discussões referentes à composição da literatura e uma perspectiva crítica a respeito da mesma, questionando se ela retrata os acontecimentos fidedignamente; se a tradição oral perdeu ou não sua essência ao ser transferida para a escrita; se o autor de textos como o *Codex Regius* foi fiel em seus escritos; se autores que permearam o período de passagem da oralidade para a escrita estavam qualificados para desenvolver as narrativas e até mesmo se eram imparciais ao elaborar seus textos. Este debate torna a discussão ampla e mostra diversas possibilidades de explicações para figuras míticas e seus feitos.

A prática de feitiçaria, por exemplo, era um dos pilares que fundamentavam a crença desse povo no período pré-cristão. Eles acreditavam que algumas pessoas eram capazes de movimentar a natureza para beneficiar ou prejudicar a comunidade através de suas práticas, que envolviam grande proximidade com elementos naturais, além de haver todo um mistério e isolamento social por parte de quem praticava os ritos. As duas primeiras partes da obra são dedicadas justamente a explicações a cerca de práticas de magia e de feitiçaria, supondo-se em um primeiro momento que há uma distinção entre essas práticas.

Assim, o autor compreende que a feitiçaria pode ser situada no ambiente mágico como objeto da magia ou como fonte de poder da magia. Os conceitos de magia e feitiçaria estão interligados, haja vista que às praticantes de magia eram dados os “títulos” de feiticeira ou bruxa. Termos que, conforme está disposto no capítulo primeiro do livro, foram utilizados de modo inadequado pelos tradutores das *Eddas* e das sagas, pois os mesmos relacionam-se ao imaginário cristão que só adentraram o mundo nórdico por volta do século XIV e não no período viking que é o período narrado por esses escritos. O que acontecia de fato na Era Viking no que diz a respeito a práticas mágicas e de feitiçaria, segundo o que defende Johnni, é narrado por algumas sagas, como a Bósa saga, que é inclusive trazida para obra através do poema Buslubæn, o qual é transcrito, traduzido, explicado e interpretado neste livro. Ainda segundo a avaliação dada pelo autor ao poema, há influência cristã em sua transcrição, porém grande parte do conteúdo do poema é de origem mítica pré-cristã e traz relatos importantes para compreender as reais práticas mágicas do referido período.

Outra forma importante de prática mágica citada pelo autor é o seiðr, uma espécie de composição religiosa que estava presente na vida das comunidades

rurais e que se relacionava com a deusa Freyja. A essa forma de magia eram atribuídas práticas que manipulavam o tempo e elementos da natureza, como composição de porções (venenos), além de estar relacionada com mistérios como descoberta de segredos ligados ao espírito. Uma prática conhecida como predominantemente feminina, mas que incluía vínculos à figuras masculinas como a de Óðinn, que segundo o que é trazido na obra, utilizava-se dessas práticas para adquirir e controlar o conhecimento, conhecer o futuro, trazer a morte, entre outras coisas.

A magia nórdica é ainda vista sob duas perspectivas pelos pesquisadores. Há os que apregoam a ideia de que a magia pode ser vista como um dado real presente na história e os que a defendem como mero tema ficcional. Ambas as perspectivas podem ser embasadas por interpretações feitas das sagas islandesas. O autor defende que nos tempos pré-cristãos podem sim ter havido figuras vinculadas a estas práticas e apoia sua teoria na comparação que faz entre a interpretação de vários pesquisadores e na recorrência de narrativas a respeito dessas profetisas nas sagas islandesas e nos poemas éddicos.

Uma das investigações centrais trazidas pelo autor diz respeito ao questionamento do uso das sagas como fonte de pesquisa das formas de religiosidade nórdica. Outra perspectiva importante da obra versa de uma elaboração concisa de comparativos feitos entre os períodos pré-cristão e cristão, das proximidades e diferenças que são encontradas nas fontes durante a transição de um período para o outro e da influência da cristianização na composição de fontes literárias e imagéticas para pesquisas do tema. O autor atenta ainda para o fato de que ao pesquisar a religiosidade na Era Viking não se deve ater a princípios universalistas, nem a regionalismos exacerbados, mas que devem ser feitas avaliações do que há de prática análoga entre várias comunidades e também das particularidades de algumas regiões.

O terceiro capítulo, em nossa opinião, é outro ponto importante da obra, pois nele, encontramos rica descrição de detalhes a respeito dos períodos pré-cristão e cristão e da influência desse fenômeno histórico sob o que conhecemos hoje a respeito do povo da Escandinávia que viveu entre os séculos VIII e XI d.C, já que durante o período de cristianização grande parte da cultura local foi reelaborada, reinterpretada e por muitas vezes até desfeita. A respeito disso, percebemos a partir da leitura desta obra que grande parte da literatura

disponível para pesquisas a respeito dos vikings sofreu influência cristã ao ser composta; essa regra se aplica tanto para as fontes escritas como para as fontes iconográficas. Para ilustrar a passagem da tradição oral para a escrita, por exemplo, Johnni traz no capítulo supracitado uma análise da conversão da Njáls saga, que era transmitida de forma oral, foi escrita por autor desconhecido, que por sua vez não teve seu manuscrito original preservado acreditando-se que a cópia mais antiga que se tem acesso sofreu influências cristãs ao ser composta (ou reescrita). A saga traz tanto elementos cristãos como elementos mágicos, típicos das crenças pré-cristãs, talvez esse fato se deva a uma prática comum do cristianismo, a saber: trazer para si o que pode ser readaptado de culturas pré-cristãs e renegar e condenar o que não pode ser inserido no seu campo de crenças.

No capítulo que segue o tema central são as fontes iconográficas para a pesquisa dos mitos nórdicos e algumas estelas que tratam a respeito da religiosidade desse povo. Segundo o autor o uso de fontes iconográficas para pesquisas nessa área vem sendo utilizado há pouco tempo, mas tem trazido outras possibilidades de interpretação de mitos nórdicos, pois alcançam uma representação do imaginário que o texto escrito não consegue resguardar. Nas estelas de Gotland, que são as utilizadas nessa obra, a maior parte das pinturas e gravuras são imagéticas e a escrita existe em um escala muito pequena. Por serem de origem mais primária existe a possibilidade destas estelas serem mais fiéis ao imaginário nórdico. Deste modo, as estelas são interpretadas em conjunto, uma sequência de imagens compõe uma representação mítica passível de compreensão e interpretação. As estelas tratam de temas míticos, de símbolos religiosos e cenas históricas, o que faz com que seja possível uma explanação mais aprofundada do comportamento religioso de um povo.

No próximo capítulo há uma proposta de releitura das fontes literárias que tratam de mitos escandinavos. Uma primeira coisa a se pensar aí diz respeito à questão da filtragem que as informações vão sofrendo, já que, primeiro são passadas de forma oral e depois convertidas para escrita, o que nos traz informações de “segundo grau” muitas vezes distanciando fato e narrativa. Deparamos-nos, pois, com questionamentos relacionados a uma das principais fontes literárias, as Eddas, que podem ser divididas em poética e em prosa, aquelas mais próximas da tradição oral e trazendo textos com pouca ordem formalizada, esta com estrutura formal e perspectiva mais racionalizada do mito.

Também nesta parte da obra, como em todas as outras, o autor traz parte de uma fonte (neste caso o poema *Þrymskviða*) e o analisa.

Nos dois últimos capítulos trata-se sobre um tema importante para uma melhor compreensão da crença nórdica, o mito do dragão nas Eddas e nas sagas. De modo geral, estes capítulos explicam o papel que os dragões representam para o imaginário do povo viking e expõe que essas criaturas são responsáveis por promover desordem, e sob algumas interpretações, ordem no mundo. Há algumas diferenças e semelhanças entre os dragões descritos pelas sagas e pelas Eddas, mas interpretando o todo, há muito mais proximidades entre as narrativas.

O tema do livro é tratado pelo autor com bastante seriedade e profundidade, por isso, infelizmente, não se faz possível explicar a obra com mais detalhes em um trabalho de síntese, como este. Por isso, elaboramos um panorama geral de cada capítulo e tentamos expor as principais ideias e posicionamentos do autor a respeito do tema. Assim, propomos a leitura da obra para melhor compreensão dos temas que citamos de modo rápido. Apesar de o livro parecer estar se voltando para um público acadêmico, acreditamos que também pode ser apreciado por leitores eventuais, já que as informações trazidas pelo mesmo são bem articuladas e podem enriquecer o conhecimento de qualquer pessoa que esteja interessada na história, cultura e crenças do povo viking.

Partindo das conclusões tomadas pelo autor no decorrer de cada capítulo e especialmente ao final deles, interpretamos que ao pesquisar a religiosidade nórdica devemos atentar para todas as dimensões sociais, além de tomar conhecimento de perspectivas trazidas por vários autores. Portanto, quando formos pesquisar religiosidade nórdica, não podemos limitar nossa visão para uma verdade absoluta, nem tomar por verdadeira a primeira fonte com a qual nos deparemos, pois não se trata de afirmar que uma teoria está certa, mas sim de elaborar uma reflexão adequada a respeito do tema de modo que no decorrer da pesquisa possamos aderir a um determinado ponto de vista.

Recebida em 15/01/2016, revisada em 06/07/2016, aceita para publicação em 06/07/2016.